

O APOCALIPSE BESTA DE JESUS CARLOS

Breve relato sobre a montagem de um espetáculo com linguagem Clown

James Beck¹

Com toda a certeza, posso afirmar que uma das etapas de maior amadurecimento pedagógico pelo qual passei foi no ano de 2007, quando propus aos meus colegas de trabalho, e parceiros de ensino do fazer teatral da Carona Escola de Teatro, que eu gostaria de ministrar um curso anual de “Técnica Clown” em nossa escola. Até então, eu havia participado de inúmeros cursos que tinham o foco na arte da palhaçaria, e como sempre foi uma área das artes cênicas que me atraiu muito, segui pesquisando e me envolvendo ao longo dos anos. Arrisquei-me a ministrar pequenos *workshops* com esse tema para

que lentamente eu pudesse perceber se o que eu acreditava, aprendia e buscava dentro dessa linguagem fazia algum sentido na hora de compartilhar o conhecimento. Entretanto, o fato de oferecer um curso de longa duração, e que visava a montagem de um espetáculo de final de ano com os alunos como conclusão desse curso, parecia-me bem desafiador. Como era de se esperar, meus colegas abraçaram a ideia com muito carinho ao longo dos anos que se seguiram. Vale ressaltar aqui que, inclusive se mantiveram firmes comigo, mesmo em situações que economicamente a turma não era viável de ser mantida, pois acreditavam na pesquisa que eu desenvolvia dentro da escola. Ao longo dos anos as turmas de “Técnica Clown” tiveram momentos de altos e baixos, pois antes de mais nada,

¹ Ator e professor da Cia Carona de Teatro.

estávamos lidando com o fator humano, e esse é o elemento mais importante quando se fala sobre a construção do palhaço, pois é um ser brincante que se conecta e relaciona com o entorno. Cada palhaço, no meu entendimento, é um ser único e pessoal, assim como a personalidade de cada indivíduo. E aí entra o item principal: um aluno resolve se atirar na pesquisa da palhaçaria, na qual por vezes ele não quer se permitir a se expor ao **ridículo**, ao poético e ao sensível (estrutura base dessa linguagem). Dessa forma, os jogos e os experimentos cênicos propostos ao longo das aulas podem, por vezes, fazer com que alguns se retraiam mais do que outros. O jogo verdadeiro na arte da palhaçaria só ocorre quando a verdade do jogador vem à tona, e se o jogador não se permite, quem observa percebe a

falta dessa verdade na cena. Não pretendo aqui mensurar mais ou menos qualidade, engajamento ou a falta dele, apontar resultados positivos ou negativos, sucesso ou fracasso, pois, se seguirmos por essa via dentro do universo do **palhaçaria**, todos esses elementos são bem-vindos, afinal são eles que causam o riso e a poesia que tanto se almeja. Refiro-me aqui aos fatores humanos envolvidos no contexto da construção de um estado de palhaço no qual cada aluno começa a se perceber de maneiras diferentes e se colocar diante dos outros de peito aberto, com sua respiração tranquila, disposto a arcar com o fato de se experimentar e se expor sem medo de ser julgado ou de errar. Essas condições fazem com que cada aluno siga caminhos distintos diante das encruzilhadas que surgem.

Dessa maneira abre-se a possibilidade para que cada resultado seja único e totalmente pertinente ao coletivo que o construiu. E assim, chego ao meu objetivo aqui que é falar sobre a construção do espetáculo que foi apresentado no ano de 2012 com a turma de “Técnica Clown”, e com a qual montamos a peça “Os Bestas do Apocalipse”. Todos os anos, nós, professores e professoras da Carona Escola de Teatro nos reunimos para debater qual será o tema do ano que norteará as aulas, e consequentemente, as montagens de fim de ano com cada uma das turmas. Em 2012, optamos por usar como tema “O Fim do Mundo”, o qual, inclusive tomava grandes proporções na mídia e causava um certo **frenesi** nas pessoas.

Lembro que a turma daquele ano era

extremamente eclética, na qual tínhamos nove alunos/as com diferentes experiências, faixas etárias e eram de diversas cidades do entorno (Rio Negrinho, Jaraguá do Sul, Brusque, Indaial e Gaspar). Cabia a mim tentar entender e investigar como trabalhar com todas essas singularidades durante o curso para conseguir que cada um desses indivíduos que buscavam o universo da palhaçaria se mantivessem despertos nesse maravilhoso e divertido caminho do *clown*. Ao longo das aulas, fomos refletindo e tentando buscar conexões das nossas práticas e dos exercícios com o tema que nos nortearia: “O Fim do Mundo”. Fizemos algumas tempestades de ideias na turma para tentarmos entender o que esse tema significaria para o **transcurso** das aulas.

Desse modo, compreendemos que uma

referência que está incutida em nossas **subjetividades**, quando falamos do fim do mundo, é o apocalipse. Assim sendo, seguimos para o estereótipo: o apocalipse mencionado na Bíblia. A partir deste livro, retiramos vários fragmentos aleatórios que pudessem nos dar material criativo na construção das cenas e que tivessem conexões com os exercícios de palhaçaria que experimentávamos em sala de aula. As cenas produzidas traziam muito das referências e experiências de cada um, e o material criativo que vinha à tona era extremamente diverso, visto que passava pelo caótico, absurdo, realista e *nonsense*, de acordo com quem o produzia. Essa variedade me agradava muito como professor, pois assim, eu teria opções e caminhos distintos para

seguir durante os processos de construção do espetáculo de fim de ano. Foi aí que tive a ideia de rascunhar alguns textos e algumas situações produzidas pelos alunos e juntar com pequenos roteiros que solicitei a eles que escrevessem, assim como buscar ajuda para amarrar as ideias desenvolvidas. Certamente, Gregory Haertel poderia ser essa pessoa. E como imaginei, ele se colocou totalmente à disposição. Já no primeiro encontro expôs algumas possibilidades dramáticas, e no dia seguinte, enviou três cenas com uma estrutura inicial. Nas duas semanas seguintes ele enviou um esboço de roteiro com propostas de início, meio e fim.

Fragmento de um rascunho inicial para a Cena 1, enviado por Gregory Haertel:

Voz em off: Mateus, Capítulo 24, Versículo 30: “Então, aparecerá no

céu o sinal da volta do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória.” *(Todos olham para cima. Clima de tensão. O conjunto de atores, exceto Jesus Carlos, vira-se para o público ao mesmo tempo. Depois Jesus Carlos também se vira para o público. Jesus Carlos é uma mistura da figura mítica de Jesus Cristo com a do Rei Roberto Carlos)*
Jesus Carlos (começa a cantar a música do Rei): Eu voltei, agora pra ficar, porque aqui, aqui é meu lugar, eu voltei pras coisas que eu deixei...

E assim, seguimos a pesquisa utilizando como elemento base o “Apocalipse”, conforme descrito na Bíblia, e tecendo as mudanças para a palhaçaria, criando as cenas, as situações cômicas e jocosas, no que tange as Sagradas Escrituras. A opção de mesclar a figura de Jesus Cristo com o “Rei” Roberto Carlos nos parecia uma fonte segura de

jogo, por meio do qual poderíamos traçar linhas concretas com elementos atuais (no caso Roberto Carlos), e com o personagem emblemático do símbolo cristão; e além disso, a cada momento de necessidade buscar a ajuda do divino para a salvação total (no caso aqui exposto, o fim do mundo), e com o “Rei” que, a cada fim de ano, toma as telas das TVs brasileiras, como que querendo encerrar um ciclo feliz desse cotidiano caótico da população. No decorrer do processo, surgiram porém, alguns percalços. Como em toda coletividade, por vezes os envolvidos, não se identificam, e se deparam com outros objetivos. Ao longo dessa breve caminhada, alguns mudaram os seus rumos, e outros seguiram em busca de seu próprio clown, mesmo sabendo que nem sempre é um caminho fácil, uma vez

que você precisa enfrentar suas próprias limitações, medos, angústias, ansiedades e confrontar seu ego. A saída de integrantes e as eventuais faltas, abalavam a turma e deixavam-me um tanto quanto desestruturado, afinal, já tínhamos uma estrutura e sequência de materiais, elaborado cenas e definido alguns papéis, que nesses casos, precisavam ser reorganizados, fazendo com que o processo tivesse seu cronograma afetado.

Mas afinal de contas, o palhaço não é improvisado?

Sim. Porém também tem momentos de ensaio e lapidação de cenas.

Então, como acaba isso tudo?

Não acaba. O que fazemos é seguir improvisando.

Quer dizer que de grão em grão a galinha enche o papo? É bem por aí. E assim seguimos ensaiando com os cinco alunos restantes.

Fragmento de um rascunho inicial para a Cena 4, enviado por Gregory Haertel:

Voz em off: E Ele, o Filho do Homem, retornará somente quando esta profecia se cumprir: uma meretriz erguer-se-á dos mares da Babilônia trajando três túnicas brancas e ouro de quinze povos e prata de toda a tribo de Judá, e de seus mamilos escorrerá o leite onde os pecados de toda a humanidade serão lavados. E a isto se chamará de o segundo batismo.

(Cena com a mesma dinâmica anterior, com os clowns esperando que a encenação desencadeie a segunda vinda de Cristo. Depois de a encenarem (desastrosamente), olham para as coxias esperando que Jesus Carlos volte. Jesus Carlos aparece explicando que ainda não é o tempo certo,

que faltam outras coisas se cumprirem. Os clowns se frustram. Talvez Jesus Carlos apareça em cena, mostra na Bíblia um terceiro texto, que seria aquele que desencadearia a sua segunda vinda).

Todos que permaneciam envolvidos na montagem do espetáculo se entregaram de corpo e alma nos encontros finais antes da estreia. Nessa etapa, não medíamos mais esforços. Os ensaios parciais ou totais ocorriam nos dias de semana e aos finais de semana como uma espécie de intensivo de pré-estreia. Foi realmente uma etapa linda de acompanhar e gratificante de recordar, pois estavam envolvidos em algo que realmente acreditavam e que fazia sentido para cada um participar cada vez mais e mais. Desde os acessórios de cena, figurinos, cenários e trilhas sonoras, cada um ajudava e se envolvia na área que mais dominava. Por fim, chegou o dia

da estreia. Teatro lotado. Emoções à flor da pele. E todas as demais expressões piegas que aqui poderiam ser descritas, estavam lá.

Fragmento de um rascunho inicial para a Cena 8, enviado por Gregory Haertel.

Cena: (Jesus Carlos entra no palco vazio guiando a sua cruz vermelha. Música: Meu carro é vermelho, não uso espelho pra me pentear! Cena de Jesus Carlos no palco. Os clowns se revoltam e vão tirar satisfação com Jesus Carlos. Jesus Carlos sai correndo, é atropelado e perde uma das pernas).

Todo processo dramatúrgico com Gregory Haertel e as propostas por ele colocadas e debatidas sempre estiveram abertos a modificações, afinal, o jogo do palhaço necessita dessa abertura incondicional para a elaboração das cenas que iriam compor o espetáculo.

Inúmeras cenas foram alteradas, remodeladas e reescritas durante os próprios ensaios pelos alunos-atores. Isso demonstra, mais uma vez, a riqueza de se ter uma construção viva e aberta num processo artístico-colaborativo, o qual se mantém firme na pedagogia da Carona Escola de Teatro, e que seus professores/as defendem com muito orgulho. Posteriormente, ocorreu algo que nós da Carona Escola de Teatro prezamos muito, que foi a união desse grupo que se formou ao longo do ano e por iniciativa própria sentiram a vontade de permanecer juntos e criar sua coletividade e seguir apresentando o espetáculo montado. Foi assim que surgiu o grupo “Alles Clown”, o qual passou a se envolver com outros grupos da cidade, participou de uma breve temporada de teatro em Blumenau, e em seguida se inscreveu e foi selecionado

para o Festival Estudantil de Teatro (FETO-BH). Esse evento ocorreu em Belo Horizonte, Minas Gerais, e é de extrema importância para o teatro estudantil brasileiro, e que há mais de 13 anos reúne estudantes e pesquisadores das artes cênicas para refletirem sobre o teatro produzido por jovens estudantes de todo Brasil. O FETO-BH aumenta assim, a bagagem e renova os ânimos, ainda mais após colher boas críticas sobre a pesquisa de palhaçaria que realizamos na Carona Escola de Teatro, conforme escreveu Ricardo Carvalho de Figueiredo, professor de Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG):

“As Bestas do Apocalipse” é uma sátira clownesca da capacidade humana de entregar, ao outro, a esperança por dias melhores. O grupo de Blumenau/SC trouxe para o rol de bons exemplos teatrais na categoria

“Teatro na Escola” um trabalho feito com/por clowns.

Em um cenário que fazia alusão ao céu, surgem cinco nuvens com pernas humanas diante dos nossos olhos. Essas figuras “metade nuvem, metade pernas” nos revelam a dimensão onírica do espetáculo, além de apresentar-nos o esboço das figuras engraçadas e “patéticas” que vamos acompanhar. Ao longo da encenação, o conjunto de clowns consegue atingir em vários momentos o estado de “pureza/limpeza” – tão almejado – principalmente quando os intérpretes “despem-se” dos seus próprios medos do ridículo. O fato de o grupo escolher falar do apocalipse, a figura de Jesus Cristo aparece como central na trama – há claramente uma linha dramática no espetáculo, onde as cenas são dependentes umas das outras, há conflito, ápice e um desenlace da trama. E como não podia deixar de ser, os clowns fazem uso literal do livro do Apocalipse, na esperança de que, após as revelações do livro, Cristo voltará. Essa espera é fortemente associada às pessoas que esperam ver, ou mesmo seguir, seus ídolos. A aparição das músicas do “Rei” Roberto Carlos nos proporciona diversas associações. No desfecho, o grupo

traz Cristo como o “Rei” em meio à música “O Bom” do famoso membro da “Jovem Guarda”. Só que ao invés de carro vermelho, está sobre uma cruz da mesma cor, sendo carregado pelos outros clowns, que sofrem com o peso da cruz/Cristo.

Participar de um festival traz desdobramentos aos integrantes do grupo, uma vez que os faz crescer e pensar o teatro em sua totalidade artesanal. A beleza de ver os alunos no palco de uma cidade que não é a sua, com um público que não é o seu, e que mesmo assim, estão com os olhos brilhando de orgulho para mostrar uma obra artística que construíram, é de extrema gratidão. O grupo “Alles Clown” não existe mais. Desfez-se por inúmeros motivos. Todavia, os vínculos de amizades permanecem. As relações, as buscas, os objetivos que movem cada indivíduo quando exposto ao fazer artístico é algo ímpar. A arte

nos atravessa e deixa gravada profundamente as experiências que nos causou. O teatro, por ser uma arte efêmera, cumpre a sua função e desaparece, permanecendo na memória. Julgo que, por vezes, é de extrema importância entendermos que as situações “apocalípticas” que surgem diante de nós no dia-a-dia sejam vistas com um olhar um pouco mais “abestado”, e que tenhamos a noção de que talvez nenhum “Jesus Carlos” venha nos salvar.

Fragmento de um rascunho inicial para a Cena Final, enviado por Gregory Haertel:

Cena final: (Jesus Carlos entra no palco e percebe que mais uma vez os Clowns encenaram (desastrosamente) uma das etapas para a volta de Jesus Carlos. Extremamente irritado, abre a sua Bíblia que contém um fundo falso de onde retira uma metralhadora e mata todos os clowns. Black. Saem todos de cena. Voltam os clowns meio-zumbis carregando a

cruz vermelha, onde Jesus Carlos está montado/dirigindo, sorrindo e acenando para a plateia. Ao fundo toca a música: “Meu carro é vermelho, não uso espelho pra me pentear. Botinha sem meia, e só na areia eu sei trabalhar. Cabelo na testa, sou o dono da festa. Pertença aos dez mais. Se você quiser experimentar, sei que vai gostar!” Black.)